Reluctant Gardener

curadoria *curated by*

Sofia Lemos

Território / *Territory* #9

3–5
Reluctant Gardener
(PT)

6–7
LISTA DE OBRAS,
PROGRAMA PÚBLICO
LIST OF WORKS,
PUBLIC PROGRAMME

8–10
Reluctant Gardener
(ENG)

FIDELIDADE
DIREÇÃO DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
E RESPONSABILIDADE SOCIAL
DIRECTORATE OF INSTITUTIONAL RELATIONS AND SOCIAL RESPONSIBILITY
Teresa Ramalho
Teresa Campos

PROGRAMAÇÃO TERRITÓRIO
TERRITORY PROGRAMME
Bruno Marchand

CURADORIA TERRITÓRIO #9
TERRITORY #9 CURATED BY
Sofia Lemos

PRODUÇÃO
PRODUCTION
Sílvia Gomes (Coordenação/ *Coordination*)
Denise Cunha Silva
Com o apoio de/ *With the support of*
Fernando Teixeira

MONTAGEM
ASSEMBLY
SGLDA

DESIGN GRÁFICO
GRAPHIC DESIGN
Sofia Gonçalves

ASSISTENTES DE SALA
GALLERY ASSISTANTS
Frederico Almeida
Nuno Oliveira

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGEMENTS

Aos artistas e autores da publicação/ *To the artists and contributors to the publication*—Nina Canell, Alhena Katsoff, Elise Lammer, Michael Marder, Rei Naito, Vica Pacheco, Ariel Schlesinger, e/ *and* Álvaro Urbano. Às galerias e emprestadores pelo seu compromisso com os artistas e pela cedência das obras em exposição/ *To the galleries and lenders for their commitment to the artists and for lending the works in the exhibition*—Galleria Massimo Minini (Brescia), Mendes Wood DM (São Paulo, Brussels, Paris, New York), Taka Ishii Gallery (Tokyo), Travessia 4 (Madrid, Guadalajara) e/ *and* Coleção/ *Collection* Gerard Faggionato (Monaco).
A/ *To* Carola Platzek e/ *and* Manuela Pereira pela sua investigação/ *for their research.* E/ *And* Elvira Schlesinger Moscoso, Daniel Steegmann Mangrané, e/ *and* Robin Watkins pelo seu apoio/ *for their loving support.*

Apoio/ *Support*

EMBAJADA DE ESPAÑA EN PORTUGAL
aecid
Cooperación Española

Culturgest
Fundação Caixa Geral de Depósitos

FIDELIDADE ARTE

Um jardim encerra sempre mais do que aquilo que podemos perceber. Do verdor exuberante do Éden ao bosque filosófico de Epicuro, dos jardins secos de pedra e areia do Japão aos intrincados jardins persas de Damasco, Córdova e Granada — cada jardim conta uma história, oferecendo modos inesperados de imaginar o nosso lugar no mundo.

Ao longo dos séculos e por todo o globo, os jardins moldaram o imaginário coletivo enquanto espaços de prazer, saber e estética. Enredaram poetas, filósofos, artistas e místicos no seu tecido vivo. Foram testemunhas da violência da clausura e do controlo e, em contrapartida, da rebelião silenciosa das raízes e das sementes. Por vezes, surgem como ideais a alcançar; noutras, oferecem-se como solo fértil onde ideologias lançam raízes — lugares onde o sentido se entranha sob a superfície.

Mas para além de métodos ou metáforas, os jardins
3 podem ser concebidos como espaços imaginais[1] — limiares de perceção entre o subtil e o sensível — que transformam a maneira como habitamos o mundo. Neles, a história e o mito convergem para tornar sensível a presença do invisível — esses ritmos e relações que sustentam o mundo visível — permitindo que a ecologia se experiencie não apenas como ciência, mas como metafísica, onde a vida se desdobra em estratos que pertencem ao mundo material, mas o transcendem.

Nos jardins secos do Japão, descobri uma forma de ver com todos os sentidos. Ali, a beleza reside precisamente naquilo a que a visão não acede de imediato — nos acontecimentos

1 Na década de 1960, o filósofo e islamólogo Henry Corbin propôs o termo *mundus imaginalis* — o mundo imaginal — para descrever uma dimensão intermédia onde as imagens visionárias e simbólicas se tornam aparentes. Sublinhou a *visão* não apenas como ato de ver, mas como uma passagem para este domínio. Retomo aqui essa noção de imaginal para sublinhar a necessidade de novas visões políticas — e para reconhecer o trabalho contínuo de artistas, pensadores e poetas como figuras visionárias — aqueles que se movem na direção de mundos possíveis, ativando aquilo que Corbin chama de «olhos do coração»: um modo de perceção que transcende a separação e revela a simultaneidade do simbólico, do natural, e do político. Ver Corbin, «Mundus Imaginalis or The Imaginary and The Imaginal», *Cahiers internationaux de symbolisme* 6 (Bruxelas, 1964): 3–26; e «Towards a Chart of the Imaginal», *Spiritual Body & Celestial Earth: From Mazdean Iran to Shi'ite Iran*. Princeton University Press, 1977.

que se revelam e tornam visível a «vivacidade» de todas as coisas, mesmo daquelas que parecem imóveis, como as rochas, ou fixas ao solo, como as plantas. A sua aparente aridez é, na verdade, autopoiética: uma revelação que revitaliza o olhar — há muito saturado pela hegemonia visual da modernidade — e cultiva uma escuta interior, permitindo que o silêncio fale e o invisível germine no seu próprio compasso.

Nos jardins mouriscos do sul de Espanha, aprendi a etimologia da palavra «paraíso», derivada do persa *pairidaeza*, que designa um jardim murado — uma fronteira desenhada entre natureza e cultura, entre o bem e o mal, entre o dentro e o fora. A sua tradução grega, *paradeisos*, utilizada no Génesis, passou a significar tanto o Éden como os céus, dando origem ao primeiro grande exílio — a queda da humanidade da natureza — e à mais persistente cisão de todas: a separação entre o eu e o mundo.

«Todo o parque sonha com o paraíso»[2], escreveu o cineasta Derek Jarman, aludindo à ligação inextricável entre jardim e paraíso, uma das metáforas mais duradouras da sociedade. Esta ecomitologia, tão poderosa no imaginário ocidental, concebe o paraíso como uma origem perdida — e os jardins como tentativas de a recuperar. Esse anseio, outrora teológico, tornou-se ecológico. Como nos recorda o filósofo Michael Marder, numa era de tumulto planetário, o exílio já não é apenas humano. Estende-se à terra — ao solo, à atmosfera e às águas; às plantas, fungos, animais e microrganismos. As alterações climáticas tornam todas as ecologias exílicas, «sem possibilidade de retorno a uma origem estável».[3]

Esse desejo ressoa na metáfora, tantas vezes repetida, que descreve Portugal como um «jardim à beira-mar plantado» — uma expressão que reflete a conformidade entranhada

2 Nota do tradutor: No original, «*Each park dreams of Paradise*». É pertinente notar que a palavra *parque* (assim como a inglesa *park*) tem as suas origens no étimo latino *parricus*, que tinha o sentido de vedação ou área vedada, muito próximo do persa *pairidaeza*.

3 Michael Marder, «Exilic Ecologies», *Philosophies*, vol. 8, n.º 5, 2023, p.2.

nos discursos coloniais portugueses e a passividade face às atuais marés de nacionalismo evidente nas recentes vitórias da extrema direita portuguesa. Neste cenário político, ambiental e socialmente fraturado, a figura do/a *jardineiro/a relutante* reconfigura persistentemente as nossas narrativas de origem, questionando que mundos cultivamos e que naturezas escolhemos preservar.

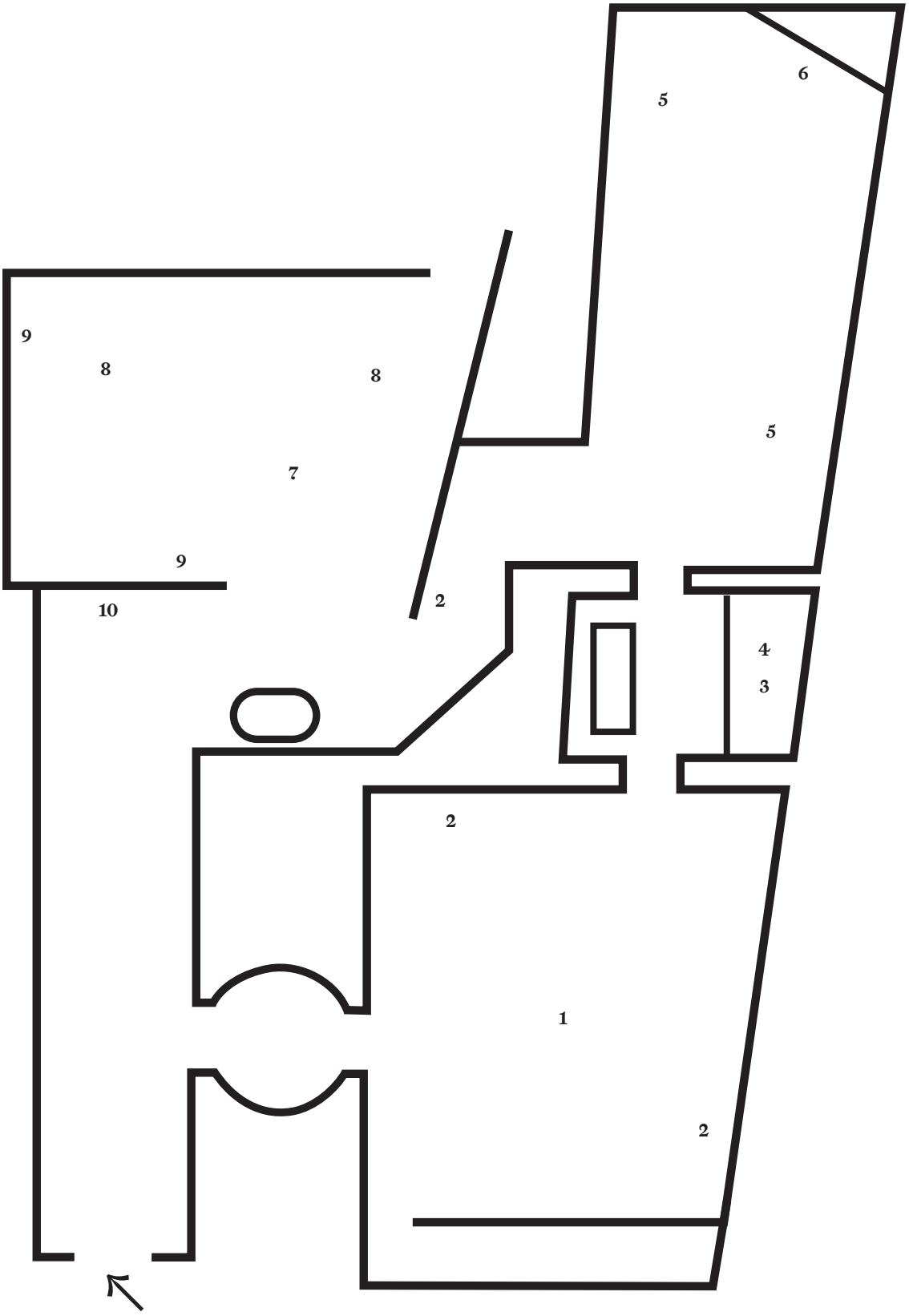
Esta exposição e a publicação que a acompanha inscrevem-se neste campo de reflexão, dando corpo àquilo a que o psicanalista James Hillman chamou «crescer para baixo»[4]: não transcender o mundo, mas nele mergulhar — à semelhança das plantas, que enraízam na escuridão enquanto se estendem em direção à luz, crescendo através e com.

É precisamente nesse despontar que *Reluctant Gardener* ganha forma. A exposição desdobra-se em paisagens — escultóricas, sonoras, fílmicas e performativas — nas quais cada obra germina na seguinte, movendo-se entre impressões vagas, estados anímicos e intensidades operáticas que se entrelaçam como o tempo do jardim, em ciclos de vida e decomposição, revitalizando a nossa perceção dos ritmos e sincopações do mundo.

Convido, pois, quem visita a exposição a entrar no jardim não apenas como referência, mas como expressão — experiencial e performativa — da ecologia: um espaço onde vidas humanas e não-humanas se cruzam; onde o visível e o invisível permanecem presentes; onde a realidade não é nem fixa nem ilusória; onde o crescimento implica tanta incerteza como o cultivo; e onde o jardim, imaginal e vivo, se revela como espaço transformador, acessível a cada um de nós, com ou sem relutância.

Sofia Lemos
Tradução: José Roseira

4 NT: No original, «growing *down*».


6
5
9
8
8
5
7
9
10
2
4
3
2
1
2

1 NINA CANELL
Muscle Memory (2,5 tonnes), 2021/25
Conchas de moluscos marinhos para paisagismo
Hardscaping material from marine mollusc shells
Cortesia da artista/ *Courtesy of the artist*

2 ARIEL SCHLESINGER
The unavoidable consequence of you, 2024
Impressão cromogénea e moldura pintada à mão
C-print and hand-painted frame
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galleria Massimo Minini, Brescia

3 REI NAITO
Sem título/ *Untitled*, 2024
Flores, água e jarro de vidro
Flowers, water and glass jar
Cortesia de/ *Courtesy of* Taka Ishii Gallery, Tokyo

4 REI NAITO
Sem título/ *Untitled*, 2024
Mármore/ *Marble*
Cortesia de/ *Courtesy of* Taka Ishii Gallery, Tokyo

5 ARIEL SCHLESINGER
It's always somebody's bones, 2024
Pássaros, caixa de cartão, fibra ótica, fonte de luz
Birds, cardboard box, fiber optics, light source
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galleria Massimo Minini, Brescia

6 ARIEL SCHLESINGER
How fire thinks, 2019
Filme 16 mm transferido para digital, cor, som, composição sonora de Miruna Boruzescu, 04'54" (loop)
16 mm film transferred to digital, colour, sound, sound composed by Miruna Boruzescu, 04'54" (loop)
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galleria Massimo Minini, Brescia

7 NINA CANELL
Tea Leaf Paradox, 2024
Sacos de chá, cordel, gerador de vibração, gerador de frequência e cablagem
Tea bags, string, vibration generator, frequency generator and cables
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and* Mendes Wood DM, São Paulo, Brussels, Paris, New York

8 NINA CANELL
Days of Inertia, 2024
Pedras Daté-Kanmuri, água e nano-revestimento hidrofóbico
Daté-Kanmuri stones, water and hydrophobic nano-coat
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and* Mendes Wood DM, São Paulo, Brussels, Paris, New York

9 ÁLVARO URBANO
Granada Granada (Magnolia, Granado), 2023
Metal pintado
Metal, paint
Coleção/ *Collection* Gerard Faggionato, Mónaco

10 ARIEL SCHLESINGER
La Avellina, 2024
Filme 16 mm transferido para digital, cor
16 mm film transferred to digital, colour, 07'21" (*loop*)
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galleria Massimo Minini, Brescia

PROGRAMA PÚBLICO
PUBLIC PROGRAMME

5 de setembro de 2025, 18h–21h / *5 September 2025, 6–9 p.m.*

Lançamento do livro/ *Book launch*
Reluctant Gardener
e/ *and* performance
Animacy or a Breath Manifest, por/*by* Vica Pacheco

Fundindo música experimental com sonoridades inspiradas na hibridez mitológica e em tecnologias pré-hispânicas, a artista mexicana Vica Pacheco cria ambientes sonoros que entrelaçam animismo, ritual e tecnologia. Inspirando-se nos vasos sibilantes mesoamericanos – instrumentos cerâmicos ativados pelo sopro e pela água – Pacheco concebe esculturas hidráulicas que formam um coro eólico. O sopro torna-se, assim, meio de reimaginar os vínculos entre corpo, território e memória coletiva, abrindo um espaço sincrético onde som, materialidade e espiritualidade convergem, e onde a linha entre o animado e o inanimado se dissolve.

Blending experimental music with sounds rooted in mythological hybridity and pre-Hispanic technologies, Mexican artist Vica Pacheco creates sonic environments that intertwine animism, ritual, and technology. Drawing on pre-Columbian Mesoamerican whistling vessels—ceramic instruments activated by air and water—she crafts hydraulic sculptures that form a wind chorus. Breath becomes a medium for reimagining the links between body, territory, and collective memory, opening a syncretic space where sound, materiality, and spirituality converge, and the line between the animate and inanimate dissolves.

A garden holds more than what can be visibly perceived. From Eden's lush vitality to Epicurus' grove of learning, and from the rock and sand gardens of Japan to the intricate Persian gardens of Damascus, Córdoba, and Granada—every garden tells a story, offering new ways to imagine our place in the world.

Over the centuries and across the globe, gardens have shaped our collective imagination as spaces of pleasure, knowledge, and aesthetics. They have drawn poets, philosophers, artists, and mystics into their fold. They have borne witness to the violence of enclosure and control and, conversely, to the quiet rebellion of roots and seeds. At times, gardens are cast as ideals to aspire to. At others, they are the ground upon which ideologies take root: places where meaning settles beneath the surface.

Yet beyond methods or metaphors, gardens can be seen as imaginal spaces[1]*—thresholds of perception between the subtle and the sensible—that transform how we inhabit the world. Not only do history and myth converge through them; they also make felt the presence of the unseen—those rhythms and relations that underlie the visible world—allowing ecology to be experienced not merely as science but as metaphysics, where life unfolds in layers that pertain to, yet extend beyond the material world.*

In the dry gardens of Japan, I discovered a way of seeing with all my senses. There, beauty centres on what sight is not immediately privy to—on events that unfold and reveal the

1 *In the 1960s, the philosopher and Islamic scholar Henry Corbin introduced the term* mundus imaginalis*—the imaginal world—to describe an intermediary realm where visionary, symbolic images become apparent. He emphasised* vision *not merely as sight, but as a passageway to this realm. I draw on this notion of the imaginal to suggest the need for new political visions—and to acknowledge the enduring work of artists, thinkers, and poets as visionaries—those who gesture toward possible worlds, activating what Corbin called the "eyes of the heart": a mode of perception that transcends separation and reveals the simultaneity of the symbolic, the natural, and the political. See Corbin, "Mundus Imaginalis or The Imaginary and The Imaginal,"* Cahiers internationaux de symbolisme *6 (Brussels, 1964): 3–26; and "Towards a Chart of the Imaginal,"* Spiritual Body & Celestial Earth: From Mazdean Iran to Shi'ite Iran. *Princeton University Press, 1977.*

"aliveness" of all things, even those that seem static, like rocks, or sessile, like plants. Its apparent barrenness is, in truth, self-seeding: a revelation that revitalises the gaze—long saturated by modern dominance of the ocular—and fosters an inner attentiveness that allows silence to speak and the invisible to come forth in its own time.

In the Moorish gardens of southern Spain, I learned the etymology of 'paradise,' from the Persian pairidaeza*, meaning a walled garden—a boundary constructed between nature and culture, good and evil, inside and out. Its Greek translation,* paradeisos*, used in Genesis, came to signify both Eden and the heavens, giving rise to the first great exile—humanity's fall from nature—and the most pervasive division of all: self and world.*

"Each park dreams of paradise,"[2] the filmmaker Derek Jarman once wrote, describing their inseparable connection as one of society's most enduring metaphors. This ecomythology, so powerful in the Western mind, frames paradise as a lost origin—and gardens as attempts to recover it. That longing, once theological, has become ecological. As philosopher Michael Marder reminds us, in an age of planetary displacement, exile is no longer only human. It extends across the earth—to its soils, atmosphere, and waters; to plants, fungi, animals, and microbes. Climate change renders all ecologies exilic, "without the chance of returning to a stable origin."[3]

This yearning lives in the metaphor long used to describe Portugal as a "garden by the sea"—a phrase that echoes the conformity historically woven into Portuguese colonial narratives and the passivity towards today's resurgent

2 *Derek Jarman,* Modern Nature*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2009, p. 14. It is worth noting that the English word* park *originates from the Latin* parricus*, meaning an enclosure—a sense closely related to the Persian* pairidaeza*.*

3 *Michael Marder, "Exilic Ecologies,"* Philosophies*, vol. 8, no. 5, 2023, p.2.*

tides of nationalism, as reflected in the recent victories of the Portuguese far-right. Amid this politically, environmentally, and socially fractured scenario, the figure of the 'reluctant gardener' persistently reconfigures our origin stories, questioning which worlds we cultivate and which natures we preserve.

This exhibition and forthcoming publication contribute to these conversations, reflecting the need for what psychoanalyst James Hillman called "growing down": not transcending the world but deepening into it—much like how plants root into darkness while reaching for light, growing across, through, and with.

It is precisely in this sprouting that Reluctant Gardener *takes form. The exhibition unfolds in landscapes—sculptural, sonic, filmic, and performative—with one artwork growing into the next, moving between vague impressions, moods, and operatic intensities that entwine like garden time, in seasons of life and decay, while revitalising how we perceive the world's rhythms and syncopations.*

I invite the visitor to engage with the garden not merely as a reference to, but as an expression—both experiential and performative—of ecology: a space where human and non-human lives intersect; where the visible and the unseen remain present; where reality is neither fixed nor illusory; where growth embodies as much uncertainty as cultivation; and where the garden, imaginal and alive, serves as a transformative space to which each of us has access, reluctantly or not.

Sofia Lemos

SOFIA LEMOS é uma curadora e escritora cujo trabalho incide nas interseções entre arte, performance e discurso, com um foco sustentado na ecologia. Lemos será a curadora da Contour Biennale 11, em Mechelen, Bélgica, que se irá realizar em 2026. De 2021 a 2024, foi curadora da TBA21–Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, onde lançou um programa centrado em práticas ecológicas e comunitárias, comissionando novos trabalhos e convocando artistas, performers e pensadores. Entre 2018 e 2021, foi curadora dos Programas Públicos e de Investigação na Nottingham Contemporary, onde desenvolveu projetos ao vivo e colaborativos, incluindo o plurianual *Sonic Continuum*, que explorava o som e a sua relação com a transformação social. Editou *Meandering: Art, Ecology, and Metaphysics* (Sternberg Press, 2024), *Sonic Continuum* (Nottingham Contemporary, 2021), e *Metabolic Rifts* (Anagram, 2019). Lemos participa regularmente em palestras e contribui para publicações internacionais, incluindo *e-flux criticism*, *Frieze*, *Mousse* e *Spike*.

SOFIA LEMOS is a curator and writer whose work engages the intersections of art, performance, and discourse, with a sustained focus on ecology. She is the curator of Contour Biennale 11 in Mechelen, Belgium, in 2026. From 2021 to 2024, Lemos was Curator at TBA21—Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, where she launched a programme centred on ecological and community-based practices, commissioning new work and convenings artists, performers, and thinkers. Between 2018 and 2021, she served as Curator of Public Programmes and Research at Nottingham Contemporary, where she developed live and collaborative projects, including the multi-year Sonic Continuum*, exploring the sonic and its relationship to social change. She edited* Meandering: Art, Ecology, and Metaphysics *(Sternberg Press, 2024),* Sonic Continuum *(Nottingham Contemporary, 2021), and* Metabolic Rifts *(Anagram, 2019). Lemos lectures regularly and contributes to international publications, including* e-flux criticism*,* Frieze*,* Mousse*, and* Spike*.*

*

ÁLVARO URBANO (1983, Madrid, Espanha) trabalha na interseção entre arquitetura, teatro e instalação, criando ambientes imersivos onde a memória e o desejo ganham forma. A partir da cenografia e do cinema, orquestra narrativas espaciais onde a iluminação, os objetos, o som e os figurinos evocam o liminar, transformando os espaços expositivos em recipientes para fantasmas e aparições. Muitas vezes estruturados em sequência ou sob a forma de capítulos que se vão desenrolando, os seus projetos, caracterizados pela particularidade de responderem ao local onde são instalados, exploram a fronteira porosa entre presença e ausência. Urbano vive e trabalha entre Berlim e Paris.

ÁLVARO URBANO (b. 1983, Madrid, Spain) works at the intersection of architecture, theatre, and installation, crafting immersive environments where memory and desire take form. Borrowing from scenography and cinema, he orchestrates spatial narratives where lighting, objects, sound, and costumes conjure the liminal, transforming exhibition spaces into vessels for phantasms and apparitions. Often structured as sequences or unfolding chapters, his site-responsive projects explore the porous boundary between presence and absence. Urbano lives and works between Berlin and Paris.

*

ARIEL SCHLESINGER (1980, Jerusalém) cria disrupções poéticas através de uma prática concetual pós-minimal, retirando o caráter funcional a objetos do quotidiano com intervenções inesperadas. Trabalhando com artigos domésticos e tecnologias simples, constrói tensões delicadas—folhas de papel em movimento perpétuo, bicicletas que exalam fogo, tapetes carbonizados esticados como pinturas fantasmagóricas. As suas esculturas e instalações expõem a fragilidade da função, oscilando entre o humor e o desconforto, o jogo e a destruição. Embora enraizadas em correntes pessoais e geopolíticas, as obras de Schlesinger resistem a significados fixos, convocando encontros ilimitados. Vive e trabalha entre Berlim e Nova Iorque.

ARIEL SCHLESINGER (b. 1980, Jerusalem) creates poetic disruptions through a post-minimal conceptual practice, defunctionalising everyday objects with unexpected interventions. Working with domestic items and simple technologies, he constructs delicate tensions—paper sheets in perpetual motion, bicycles exhaling fire, charred carpets unfurled as ghostly paintings. His sculptures and installations expose the fragility of function, oscillating between humour and unease, play and destruction. Though rooted in personal and geopolitical undercurrents, Schlesinger's works resist fixed meanings, inviting open-ended encounters. He lives and works between Berlin and New York.

*

NINA CANELL (1979, Växjö, Suécia) é uma artista cujo trabalho aborda relações materiais do ponto de vista do processo e da sinergia inerentes. As suas esculturas emergem de atos de transformação—evaporação, condutividade, erosão—dando ênfase ao movimento em detrimento da estabilidade. Frequentemente inconcluso e duracional, o seu trabalho abraça o inesperado, envolvendo-se com as forças invisíveis que ligam, dissolvem e reconfiguram a matéria. Canell tem exposto o seu trabalho em grandes bienais e instituições em todo o mundo, colaborando regularmente com Robin Watkins em instalações e livros de artista. Estudou em Dublin, e vive e trabalha em Berlim.

NINA CANELL (b. 1979, Växjö, Sweden) is an artist whose work attends to material relationships through process and synergy. Her sculptures emerge from acts of transformation—evaporation, conductivity, erosion—emphasising movement over stability. Often open-ended and durational, her work embraces the unexpected, engaging with the unseen forces that bind, dissolve, and reconfigure matter. Canell has exhibited in major biennials and institutions worldwide, frequently collaborating with Robin Watkins on installations and artist books. She studied in Dublin and lives and works in Berlin.

*

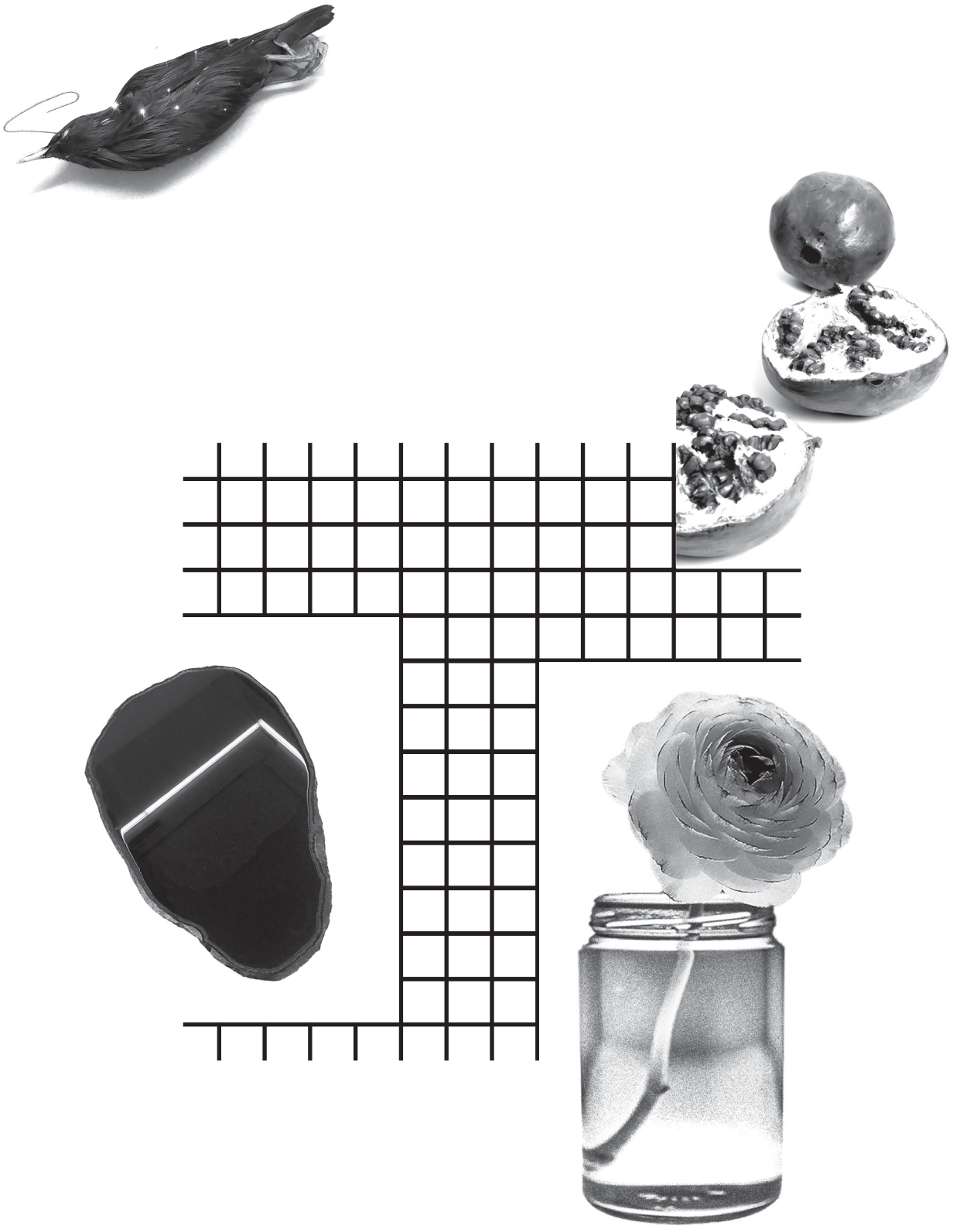
REI NAITO (1961, Hiroshima, Japão) trabalha com a luz, o ar e tudo o que é quase impercetível, evocando uma reverência tranquila pela existência. As suas instalações desdobram-se em gestos subtis—gotas de água, tecidos translúcidos, combinações sem peso—onde a presença é mais sentida do que vista. Desde a sua representação oficial na 47.ª Bienal de Veneza, em 1997, tem continuado a criar espaços de profunda contemplação nas principais instituições do Japão e do mundo, explorando a fragilidade da vida e as forças invisíveis que a moldam. Obras permanentes como *Matrix* (Teshima Art Museum, Teshima) e *Being Given* (Kinza, Art House Project, Naoshima) integram a paisagem e a arquitetura, dissolvendo a fronteira entre a arte e o que a rodeia. Naito vive e trabalha em Tóquio.

REI NAITO (b. 1961, Hiroshima, Japan) works with light, air, and the barely perceptible, evoking a quiet reverence for existence. Her installations unfold as subtle gestures—water droplets, translucent fabrics, weightless arrangements—where presence is felt more than seen. Since her national representation at the 47th Venice Biennale, in 1997, she has continued to create spaces of deep contemplation in major institutions across Japan and worldwide, exploring the fragility of life and the unseen forces that shape it. Permanent works such as Matrix *(Teshima Art Museum, Teshima) and* Being Given *(Kinza, Art House Project, Naoshima) integrate landscape and architecture, dissolving the boundary between art and its surroundings. Naito lives and works in Tokyo.*

*

VICA PACHECO (1993, Oaxaca, México) é uma artista plástica, além de compositora e interprete musical, cujo trabalho se move de forma fluida entre o som, a escultura e a performance, inspirando-se em mitos, tecnologias pré-hispânicas e ecologias híbridas. A sua prática canaliza energia e movimento, moldando mundos sónicos vibrantes através de composições experimentais. No cerne do seu trabalho estão flautas de cerâmica criadas com recurso a modelação 3D, cujas formas incorporam uma interação dinâmica entre o orgânico e o sintético, o humano e o não-humano. Com um profundo interesse pela transformação, a artista cria experiências imersivas que exploram a ressonância de corpos, objetos e territórios. Pacheco vive e trabalha em Bruxelas.

VICA PACHECO (b. 1993, Oaxaca, Mexico) is an artist and musician whose work moves fluidly between sound, sculpture, and performance, drawing from myth, pre-Hispanic technologies, and hybrid ecologies. Her practice channels energy and movement, shaping vibrant sonic worlds through experimental composition. At the core of her work are ceramic flutes created using 3D modeling, their forms embodying a dynamic interplay between organic and synthetic, human and non-human. With a deep interest in transformation, she crafts immersive experiences that explore the resonance of bodies, objects, and territories. Pacheco lives and works in Brussels.



26MAI’25 ↗ 05SET’25

Fidelidade Arte (Lisboa)